

## COMO A SIMPLES MÃE DE JESUS: A REPRESENTAÇÃO DE MARIA NOS EVANGELHOS DITOS CANÔNICOS

**Ludimila Caliman Campos<sup>1</sup>**  
Universidade Federal do Espírito Santo

**Resumo:** A personagem da *ekklesia* cristã “Maria”, também conhecida como “Maria, a virgem”, tem sido largamente pesquisada nos últimos tempos, considerando a proeminente piedade a ela endereçada desde o final da Antiguidade. No entanto, poucas são as pesquisas que se debruçam sobre o tempo em que esta tinha uma parca importância. A desta constatação, o presente artigo tem como objetivo desenvolver uma análise acerca da representação de mariana nas fontes evangélicas conhecidas de Mateus, Marcos, Lucas e João. Tal estudo é fundamental para a compreensão de como esta personagem, logo no início do cristianismo, não recebia qualquer devoção e glorificação que, em séculos posteriores, serão tributados a ela.

**Palavras-chave:** Cristianismo Antigo; Evangelhos; Culto mariano.

### AS A SINGLE MOTHER OF JESUS: A REPRESENTATION OF MARY IN CANONICAL GOSPELS

**Abstract:** The character of the Christian *ekklesia* "Maria", also known as "Mary the virgin," has been widely researched in recent times, considering the outstanding piety addressed to her since late antiquity. However, there are few studies that focus on the time in which it had a scant importance. As this observation, this paper aims to develop an analysis about the representation of the known Marian evangelical sources of Matthew, Mark, Luke and John. This study is fundamental to understanding how this character at the outset of Christianity, not received any devotion and glorification which, in later centuries, it will be taxed.

**Keywords:** Ancient Christianity; Gospels; Marian Cult.

---

<sup>1</sup> Ludimila Caliman Campos é licenciada em História pela Universidade Federal do Espírito Santo e mestre em História Social das Relações Políticas pela mesma instituição. Atualmente é doutoranda no Programa de Pós-graduação em História Social das relações Políticas e bolsista da CAPES. Email: lud.campos@yahoo.com.br

Maria nem sempre foi uma figura central no contexto da *ekklesia*. De fato, a mãe de Jesus é uma personagem sem grande expressão no Novo Testamento. Com exceção dos Evangelhos, ela só é citada uma vez na *Carta aos Gálatas* e uma vez em *Atos dos Apóstolos*. Na *Carta aos Gálatas*, escrita por Paulo, possivelmente no ano 55, Maria é referenciada como “mulher”.<sup>2</sup> Com uma necessidade de provar que Jesus teria vindo em forma humana e fazer uma alusão à ideia de Jesus ter nascido sob a Lei e por intermédio de uma mulher, a fim de que os homens pudessem ser coerdeiros com ele, a carta visa a defender a salvação da alma obtida pela fé e não pelas obras. O autor não se mostra absolutamente consciente da concepção virginal de Jesus, como se pode observar na frase que diz “o seu Filho, nascido de mulher”. Isso denota que ele teria nascido como todos os outros homens, sem que seu nascimento fosse demasiadamente sacramental. Maria teria uma pequena importância nesse contexto. Já no que diz respeito aos *Atos dos Apóstolos*, escrito por Lucas, como uma continuação do seu próprio evangelho, vemos no capítulo 1, versículo 14, Maria, que é referenciada como “mãe de Jesus”, sendo listada entre aqueles que estavam em Jerusalém para orar depois do episódio da ascensão e antes do Pentecostes.<sup>3</sup> Cronologicamente, essa é uma última menção específica à pessoa de Maria no Novo Testamento, não evidenciando, mais uma vez, nada de muito relevante sobre a personagem.<sup>4</sup>

Afora esses casos mencionados, nós temos os relatos dos evangelhos, que se constituem a partir da memória dos seguidores de Jesus. Inicialmente, vamos tratar do Evangelho de Marcos, o primeiro a ser escrito.<sup>5</sup> Nele, Maria é citada uma única vez

<sup>2</sup> O texto assevera: “Quando, porém, chegou a plenitude dos tempos, enviou Deus o seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei.” (Gl 4:4a)

<sup>3</sup> O versículo diz o seguinte: “Todos estes, unânimes, perseveravam na oração com as mulheres, entre as quais Maria, mãe de Jesus, e com seus irmãos.” (At 1:14)

<sup>4</sup> BROWN, P. **The Birth of the Messiah**: a commentary on the Infancy Narratives in the Gospels of Matthew and Luke, Yale:Yale University Press, 1999.

<sup>5</sup> O Evangelho segundo Marcos é um dos três Evangelhos Sinópticos. Ele está baseado, provavelmente, nas passagens da coleção de ditos conhecida como a fonte *Q* (do alemão *Quelle*, “fonte”). Há uma vertente que acredita, ainda, ter sido escrito este Evangelho tendo Pedro como testemunha, como atestou Papias de Hierápolis, afirmando que Marcos era intérprete (ou tradutor) de Pedro. O Evangelho de Marcos, possivelmente, foi composto uma geração depois de Jesus, no sul da Síria, logo após a grande revolta de 66-70 (HORSLEY, 2004, p. 72). O escritor do documento é identificado como João Marcos, o mesmo que aparece diversas vezes nos relatos do Novo Testamento como companheiro de Paulo. O texto narra o ministério de Jesus – de seu batismo por João Batista até a sua morte e a sua ressurreição. Ele ainda se concentra, particularmente, na última semana da vida de Jesus em Jerusalém. O tema central de Marcos é o segredo messiânico, o qual Jesus tenta esconder, por exemplo, ao explicar tudo por meio de parábolas.

também para se demonstrar a natureza humana de Jesus: “Não é este o carpinteiro, o filho de Maria, irmão de Tiago, José, Judas e Simão? E as suas irmãs não estão aqui entre nós? E estavam chocados por sua causa” (Mc 6:3).<sup>6</sup> Além de o documento não fazer nenhuma menção específica ao nascimento virginal de Jesus, ele apresenta uma visão negativa sobre a família de Jesus, tanto que não se ocupa em relatar o nascimento de Jesus, a sua infância e a sua juventude, sendo até mesmo o nome do seu pai (José) omitido.<sup>7</sup> Não somente a representatividade de Maria no documento é quase nula, mas ela mesma, seu marido e seus filhos não apresentam mérito algum pelo fato de serem parentes de Jesus.

Nos Evangelhos de Mateus e de Lucas, que tiveram como fonte o de Marcos, vemos a figura de Maria com um pouco mais de destaque, pois ambos se preocuparam em narrar detalhadamente o nascimento de Jesus.<sup>8</sup> Em ambas as fontes fica evidente o estado civil de Maria e o papel de José como seu noivo. Apesar de o texto apontar que Maria concebe sem um parceiro humano do sexo masculino, ela continua a ser “tutelada” por José.<sup>9</sup>

De acordo com tais Evangelhos, ela teria dado à luz a um filho que seria o Messias, Filho de Davi, por meio da herança davídica de seu marido e da herança espiritual do ato criativo de Deus. O Evangelho de Mateus narra exatamente o nascimento de Jesus, em que José, marido de Maria, é apresentado de forma clara como descendente de Davi.<sup>10</sup> O documento utiliza o termo “Filho de Davi” não como um

---

<sup>6</sup> BÍBLIA. Português-Grego. Trad. Ferreira de Almeida e NTLH. **Novo Testamento Interlinear Grego-Português**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1994.

<sup>7</sup> Sobre a narrativa do nascimento de Jesus, os Evangelhos de Mateus e de Lucas têm sido amplamente estudados. Raymond E. Brown, que escreveu as obras *The birth of the Messiah: a commentary on the infancy narratives in the Gospel of Matthew and Luke* (1999) e *Mary in the New Testament* (1978), é um dos grandes expoentes desta linha de pesquisa. Brown é um dos primeiros pesquisadores católicos que aplicam a análise histórico-crítica a fim de compreender a Bíblia. Ele faz um esforço significativo para analisar a historiografia católica, protestante e secular, e para desenvolver uma análise paralela.

<sup>8</sup> BROWN, P. **The Birth of the Messiah: a commentary on the Infancy Narratives in the Gospels of Matthew and Luke**, Yale: Yale University Press, 1999.

<sup>9</sup> ANDERSON, J. C. Mary's Difference: Gender and Patriarchy in the Birth Narratives. In: **The Journal of Religion: Women and Religion**. The University of Chicago Press Vol. 67, No. 2, 1987, p. 183-202.

<sup>10</sup> O Evangelho segundo Mateus é um dos três Evangelhos Sinópticos. Ele trata da vida, do ministério, da morte e da ressurreição de Jesus de Nazaré. O documento parece ter sido originário de uma comunidade judaico-cristã na Síria Romana perto do final do século I. O autor é identificado como Mateus, um cobrador de impostos que se converteu ao cristianismo. No entanto, no texto, o autor é anônimo e, provavelmente, baseou-se em uma série de fontes, como o Evangelho de Marcos, as passagens de Q e a sua própria experiência. Papias de Hierápolis afirma que o Evangelho, primeiramente, foi escrito em hebraico e, *a posteriori*, traduzido para o grego *koiné*. Alguns autores ainda asseveram que, quando

critério especial do judaísmo, mas para atribuir uma ancestralidade judaico-messiânica a Jesus.<sup>11</sup> Assim, o Evangelho de Mateus coloca Jesus como o protagonista da história da salvação dos judeus e como aquele que supre as expectativas messiânicas, desde Abraão até Davi, de Davi até o exílio, e do exílio até o Cristo. Para tanto, ele fornece uma genealogia por meio da qual se poderia contextualizar a origem messiânica.

Segundo o relato, Maria teria concebido Jesus pelo Espírito Santo, sendo desposada por José. Então, Maria e José seriam os pais humanos de Jesus – sob o aspecto legal.<sup>12</sup> José fica sabendo da gravidez, mas recebe a visita de um anjo em sonho que lhe explica a situação:

José, filho de Davi, não temas receber a Maria, tua mulher, pois o que nela foi gerado vem do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho e tu o chamarás com o nome de Jesus, pois ele salvará o seu povo dos seus pecados. Tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que o Senhor havia dito pelo profeta: Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho e o chamarão com o nome de Emanuel, o que traduzido significa: Deus está conosco. (Mt 1:20-23. Grifo nosso)<sup>13</sup>

Maria é tida como virgem. Cabe-nos salientar que este Evangelho é o único documento no qual Maria é cognominada “a virgem”. De fato, a importância da virgindade de Maria está atrelada à santidade de seu filho. Isso porque a “vida virgem” (santa) de Jesus dependia de seu nascimento virginal (santificado).<sup>14</sup> A ênfase dada à condição virginal de Maria está visivelmente ligada a um esforço de se provar a profecia de Is 7:14, ao afirmar: “Pois sabeis que o Senhor mesmo vos dará um sinal. Eis que a jovem está grávida e dará à luz um filho e dar-lhe-á o nome de Emanuel.”<sup>15</sup> De tal

---

Papias afirmou ter sido o texto escrito em hebraico, ele queria dizer que havia sido escrito ao estilo judaico e não na língua hebraica. De qualquer modo, a influência judaica no texto é bastante evidente, ao fazer grande parte das colocações sob a ótica judaica (GOODENOUGH, 1945, p. 146).

<sup>11</sup> ANDREWS, M. The Historical Gospel. In: **Journal of Biblical Literature**. The Society of Biblical Literature. vol. 62, n. 2 1943, p. 45-57.

<sup>12</sup> ANDERSON, J. C. Mary's Difference: Gender and Patriarchy in the Birth Narratives. In: **The Journal of Religion: Women and Religion**. The University of Chicago Press Vol. 67, No. 2, 1987, p. 183-202.

<sup>13</sup> BÍBLIA. Português-Grego. Trad. Ferreira de Almeida e NTLH. **Novo Testamento Interlinear Grego-Português**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1994.

<sup>14</sup> MC KIM, R. The Virgin Birth of Jesus of Nazareth. In: **The North American Review. University of Northern Iowa**. v. 205, n. 734, 1917, p. 93-100.

<sup>15</sup> A tradução grega da Versão dos Setenta traz o termo “virgem” (*parthénos*) e não jovem. No entanto, no hebraico, o termo é *almah*, que pode ser compreendido como “donzela”, ou mesmo como uma jovem casada recentemente.

modo, o sinal da vinda do Emanuel parece ter um significado messiânico ao fazer referência ao futuro rei de Israel, não pretendendo enfatizar o nascimento milagroso por meio de uma virgem, mas a vinda do salvador.

O Evangelho de Lucas é a fonte com maior abundância de informações sobre Maria.<sup>16</sup> Ele descreve: a Anunciação, a visitação dos magos, a apresentação de Jesus no Templo, entre outros relatos.<sup>17</sup> O episódio da Anunciação é talvez aquele que mais coloque Maria como um modelo ideal de discípulo.<sup>18</sup> Neste evento, nós observamos a questão da virgindade um pouco mais destacada. A virgindade de Maria é evidenciada em dois momentos (1:34 e 3:23).<sup>19</sup> No primeiro momento, durante a visita do anjo, Maria questiona como poderia conceber sendo ainda virgem.<sup>20</sup> O anjo responde a ela exatamente como o fenômeno se procederia: “O anjo lhe respondeu: O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra; por isso também o Santo que nascer será chamado Filho de Deus.” (Lc 1:35).<sup>21</sup> O texto parece ter uma função didática, ao explicar o caráter da divindade de Jesus. Além disso, o enfoque em Maria serve, ao sublinhar o seu significado, para evidenciar a natureza e a identidade de Jesus. A extraordinária concepção virginal de Maria e sua fidelidade a Deus são

---

<sup>16</sup> O Evangelho segundo Lucas é um dos três Evangelhos Sinópticos. Este Evangelho detalha a história da vida de Jesus a partir dos acontecimentos do seu nascimento até a sua ascensão. O autor é tradicionalmente identificado como Lucas, o evangelista. O apóstolo Paulo se refere a Lucas como o médico amado (Cl 4:14). Certas histórias, como a do Filho Pródigo e a do Bom Samaritano, são encontradas somente neste Evangelho. Lucas apresenta Jesus como o Filho de Deus, no entanto, enfoca, principalmente, a sua humanidade, a sua compaixão pelos fracos e pelos marginalizados e o seu sofrimento. Há uma controvérsia acerca da data de confecção da obra. Alguns críticos afirmam que o texto deve ter sido escrito por volta do ano 60. Outros afirmam que ele remonta às últimas décadas do primeiro século. Nós sabemos que Lucas usou o Evangelho de Marcos para criar sua cronologia, lançando mão, ainda, do documento Q e, até mesmo, de outros documentos independentes. Andrews (1943, p.14) afirma não ser possível que o Evangelho de Mateus, e muito menos o de João, tenha influenciado a confecção do Evangelho de Lucas. Brown (1987, p. 39) acredita não ser difícil que Lucas realmente tenha sido o autor da obra. Há um consenso entre os pesquisadores de que Lucas também escreveu Atos dos Apóstolos, sendo as obras originalmente uma só dividida em doze volumes, chamada de Lucas-Atos.

<sup>17</sup> É bem provável, por conta da precisão de detalhes pelo autor, que tenha surgido daí o mito de que Lucas teria ouvido a história de Jesus por intermédio de Maria e que ainda tenha feito pinturas de mesma (WARNER, 1976).

<sup>18</sup> BREYER, C. A Meditation on Mary, Mother of God. In: **Journal of Religion and Health**, v. 42, n. 2, 2003, p. 139-142.

<sup>19</sup> BÍBLIA. Português-Grego. Trad. Ferreira de Almeida e NTLH. **Novo Testamento Interlinear Grego-Português**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1994.

<sup>20</sup> Em ambos os textos tratando sobre a virgindade de Maria, fica evidente uma sugestão à virgindade, não uma crença declarada nela. A história do nascimento de Jesus pode ser lida como um nascimento humano normal, sendo milagroso somente porque Deus escolheu agir em prol da libertação do povo (LANDRY, 1995).

<sup>21</sup> BÍBLIA. Português-Grego. Trad. Ferreira de Almeida e NTLH. **Novo Testamento Interlinear Grego-Português**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1994.

contrastadas, no mesmo texto, no capítulo 1, com o nascimento milagroso de João Batista, mas proveniente de um ato sexual, e a descrença temporária do pai de João Batista, Zacarias.<sup>22</sup>

Há um ecoar veterotestamentário em muitos excertos do documento, em especial no episódio da Anunciação. Ainda no capítulo 1, o anjo diz o seguinte a Maria: “Alegrete, cheia de graça, o Senhor está contigo!” (Lc 1:28).<sup>23</sup> Nesta saudação, o anjo utiliza as mesmas palavras do anjo que teria visitado Gideão (Juízes 6:12). Afora isso, nós observamos no mesmo capítulo o anjo exaltando a pessoa de Maria ao chamá-la de “cheia de graça”. Tal elogio é muito semelhante àqueles que Sara e Ana receberam.<sup>24</sup> Notamos que Ana e Sara seriam modelos de mães piedosas nas quais a genitora do Messias deveria se inspirar.<sup>25</sup> No capítulo 1, há um versículo bastante elucidativo a respeito. Logo depois de Maria ter recebido a visita do anjo, ela teria ido passar uma temporada na casa de Zacarias e Isabel, sua prima. O relato conta o seguinte:

E entrou [Maria] na casa de Zacarias e saudou a Isabel. Ora, quando Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança lhe estremeceu o ventre e Isabel ficou repleta do Espírito Santo. Com um grande grito exclamou: Bendita és tu entre as mulheres, e bendito o fruto de teu ventre! Donde me vem que a mãe do meu Senhor me visite? Pois quando tua saudação chegou aos meus ouvidos, a criação estremeceu alegria em meu ventre. Feliz aquela que creu. Bem-aventurada a que creu, pois o que lhe foi dito da parte do Senhor será cumprido! (Lc 1:40-45. Grifo nosso).<sup>26</sup>

Mais uma vez, vemos a figura de Maria ser exaltada como uma pessoa notável. Após essa cena, inicia-se um momento de glorificação a Deus intitulado posteriormente pela Igreja Romana como *Magnificat*.

<sup>22</sup> ANDERSON, J. C. Mary's Difference: Gender and Patriarchy in the Birth Narratives. In: **The Journal of Religion: Women and Religion**. The University of Chicago Press Vol. 67, No. 2, 1987, p. 183-202.

<sup>23</sup> BÍBLIA. Português-Grego. Trad. Ferreira de Almeida e NTLH. **Novo Testamento Interlinear Grego-Português**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1994.

<sup>24</sup> BREYER, C. A Meditation on Mary, Mother of God. In: **Journal of Religion and Health**, v. 42, n. 2, 2003, p. 139-142.

<sup>25</sup> A relação entre o canto de Ana e o de Maria, mais especificamente, está pautada no uso dos termos gregos “humildade” (*tapeinosis*) e “serva” (*doute*) em ambos os textos (1 Sam 1:11; Lc 1:48); na canção das personagens como uma espécie de clamor dos pobres, famintos e humildes contra os ricos, completos e arrogantes, e, indiretamente, na intervenção milagrosa de Deus na concepção dos filhos (ANDERSON, 1987, p. 45).

<sup>26</sup> BÍBLIA. Português-Grego. Trad. Ferreira de Almeida e NTLH. **Novo Testamento Interlinear Grego-Português**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1994.

Maria, então disse: Minha alma engrandeceu o Senhor, e o meu espírito exulta em Deus em meu Salvador; porque olhou para a humilhação de sua serva. Sim! Doravante as gerações todas me chamarão de bem-aventurada, pois o Todo-poderoso fez grandes coisas em meu favor. Seu nome é santo e sua misericórdia perdura de geração em geração, para aqueles que o temem. Agiu com a força de seu braço, agiu valorosamente, dispersou os homens de coração orgulhoso. Depôs os poderosos de seus tronos, e a humildes exaltou. Cumulou de bens a famintos e despediu ricos de mãos vazias. Socorreu Israel, seu servo, lembrando-se sua misericórdia – conforme prometera a nossos pais – em favor de Abraão e de sua descendência, para sempre (Lc 1:46-55).<sup>27</sup>

Stephen Benko, em um artigo denominado *The Magnificat: a history of the controversy*, tenta responder a quem foi atribuída tal glorificação originalmente – se a Maria ou a Isabel –, pois as traduções gregas e latinas deixam dúvida.<sup>28</sup> Alguns manuscritos tendem a colocar Isabel como aquela que canta; em outros, atribui-se a entoação a Maria. Há três cópias da antiga versão latina de Lucas utilizadas por diversos estudiosos modernos para provar ser Isabel, e não Maria, quem entoou essa canção. Segundo eles, a canção foi de Isabel, pois ela estaria compartilhando seu *status* inferior de esterilidade, enquanto Maria não. Ainda de acordo com tal vertente, o fato de todo o manuscrito grego colocar Maria como a cantora se dá pela pretensão de alocá-la como um suposto padrão convencional de anunciação, haja vista que era mais significativo que Maria cantasse e não Isabel.<sup>29</sup> Apesar de não haver consenso entre os especialistas, fica evidente que este excerto trata de um engrandecimento a Deus mais uma vez nos moldes veterotestamentários muito semelhantes à canção de Miriam na saída do deserto (Ex 15:20-21).<sup>30</sup>

Desse modo, Maria torna-se um ícone do milagre de um nascimento virginal. Todavia, Mateus se preocupa em exaltar o que Deus fez em Maria e em Jesus, não

<sup>27</sup> BÍBLIA. Português-Grego. Trad. Ferreira de Almeida e NTLH. **Novo Testamento Interlinear Grego-Português**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1994.

<sup>28</sup> BENKO, Stephen. *The Magnificat: A History of the Controversy*. In: **Journal of Biblical Literature**. The Society of Biblical Literature, Vol. 86, No. 3, 1967, p. 263-275.

<sup>29</sup> ANDERSON, J. C. *Mary's Difference: Gender and Patriarchy in the Birth Narratives*. In: **The Journal of Religion: Women and Religion**. The University of Chicago Press Vol. 67, No. 2, 1987 p. 183-202.

<sup>30</sup> WARNER, Marina. **Alone of all her sex: the myth and cult of the Virgin Mary**. Nova Iorque: Pocket books, 1946, p. 27.

Maria em si.<sup>31</sup> No que concerne ao *Magnificat*, percebemos que a canção funciona como uma resposta de Maria à bênção de Isabel, estabelecendo um contrassenso ao exaltar os humildes e os simples, em detrimento dos soberbos e orgulhosos, bem como dar filhos à virgem e à estéril, algo impossível aos homens. Isso faria alusão à opressão sofrida pelo próprio povo de Israel, tendo em vista que Maria é tida como uma representante de toda a nação no plano da redenção divina.

Apesar da exaltação à pessoa de Maria, nós vemos, no mesmo Evangelho, dois episódios que revelam a posição desta como mãe de Jesus. O primeiro deles – Lc 2:41-51 – apresenta Jesus, ainda com doze anos, durante a Páscoa, indo a Jerusalém com os seus pais.<sup>32</sup> No entanto, quando seus pais retornam para casa, Jesus permanece na cidade sem a ciência dos mesmos. Maria e José o procuram entre os parentes, mas não o encontram. Então, resolvem voltar a Jerusalém e se deparam com Jesus sentado em meio aos doutores da lei. O texto diz o seguinte: “Ao vê-lo, ficaram surpresos, e sua mãe lhe disse: Meu filho, por que agiste assim conosco? Olha que teu pai e eu, aflitos, te procurávamos. Ele respondeu: Por que me procuráveis? Não sabíeis que devo estar na casa de meu Pai?” (Lc 2:48-49).<sup>33</sup> O texto afirma ainda que Maria e José não compreenderam as palavras que o filho lhes dizia. A resposta de Jesus enfatiza que Deus era o seu Pai, o Templo era a sua casa e que a relação primária de Jesus era com Deus e não com Maria e José. Observamos aqui que os pais humanos tinham um direito limitado sobre Jesus.

Em outra passagem, Jesus estava ensinando à multidão que se amontoava para vê-lo. Segundo o relato, a mãe e os irmãos de Jesus foram falar com ele, mas não conseguiram. Jesus, ao saber que sua mãe e que seus irmãos queriam vê-lo, afirma o seguinte: “Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática” (Lc 8:21).<sup>34</sup> Vemos, então, uma clara rejeição de Jesus à sua condição familiar humana, e entendemos que, neste contexto, o personagem evidencia a todos

---

<sup>31</sup> ANDERSON, J. C. Mary's Difference: Gender and Patriarchy in the Birth Narratives. In: **The Journal of Religion: Women and Religion**. The University of Chicago Press Vol. 67, No. 2, 1987, p. 183-202.

<sup>32</sup> BÍBLIA. Português-Grego. Trad. Ferreira de Almeida e NTLH. **Novo Testamento Interlinear Grego-Português**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1994.

<sup>33</sup> BÍBLIA. Português-Grego. Trad. Ferreira de Almeida e NTLH. **Novo Testamento Interlinear Grego-Português**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1994.

<sup>34</sup> BÍBLIA. Português-Grego. Trad. Ferreira de Almeida e NTLH. **Novo Testamento Interlinear Grego-Português**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1994.

que a sua maior missão era cumprir os planos de Deus e não zelar por suas relações familiares. Gail Paterson Corrington, no artigo intitulado *The Milk of Salvation: Redemption by the Mother in Late Antiquity and Early Christianity*, afirma que é perceptível, já nos Evangelhos, uma tentativa de dissociação da maternidade humana de Maria de uma maternidade espiritual. Assim, depois dessa cena, Maria não mais aparece no Evangelho.<sup>35</sup>

Sobre o último Evangelho analisado – o de João –, percebemos que Maria aparece vagamente, não sendo sequer nomeada, ao contrário do que ocorre nos Evangelhos Sinópticos. Jesus se refere a ela ora como “mulher”, ora como “mãe”.<sup>36</sup>

Observamos, contudo, um episódio distinto relatado: as Bodas de Caná. Neste, Jesus e sua família são convidados para uma festa de casamento. Durante a festa, o vinho acaba. “Ora, não havia mais vinho, pois o vinho do casamento havia acabado. Então, a mãe de Jesus lhe disse: Eles não têm mais vinho. Respondeu-lhe Jesus: Que queres de mim, mulher? Minha hora ainda não chegou. Sua mãe disse aos serventes: Fazei tudo o que ele vos disser” (Jo 2:3-5).<sup>37</sup> Em mais este episódio, Jesus está repreendendo sua mãe. No entanto, a cooperação e a relação afetiva entre Jesus e Maria ficam mais evidentes neste documento do que nos Evangelhos Sinópticos possivelmente pelo fato de o Evangelho de João ser permeado por histórias que enfatizam os sentimentos das suas personagens.<sup>38</sup>

<sup>35</sup> CORRINGTON, G. P. *The Milk of Salvation: Redemption by the Mother in Late Antiquity and Early Christianity* 1989. In: **The Harvard Theological Review**. Cambridge University Press, v. 82, n. 4, 1989, p. 393-420.

<sup>36</sup> O Evangelho segundo João se inicia com o testemunho de João Batista e termina com a morte, o sepultamento, a ressurreição e as aparições de Jesus. A data de confecção e a proveniência do Evangelho de João provocam muitas controvérsias. No entanto, a maior parte dos pesquisadores acredita que o texto foi escrito no final do primeiro século (ano 90) em Éfeso, sendo produzido, de acordo com Papias, pelo próprio João (GOODENOUGH, 1945, p. 147). O Evangelho está intimamente relacionado com o estilo e com o conteúdo das três epístolas de João, talvez produzidos em conjunto. Segundo Brown (1987, p. 34), os discursos da obra parecem estar preocupados com as questões reais do debate da *ekklesia* com a sinagoga no momento em que o Evangelho foi escrito. O texto é repleto de detalhes, simbolismos e metáforas, e até mesmo com concessões à ironia. Ele busca provocar uma reflexão no leitor. É escrito sob a forma de discurso e é fundamentalmente vinculado à tradição judaica, apresentando Jesus como um enviado de Deus, prefigurado ora como um profeta, tal como Moisés e Elias, ora como o Messias, Filho do Homem e Filho de Deus, incorporado pela palavra do próprio Deus (ATTRIDGE, 2008, p. 57). Tanto os elementos sinópticos como as parábolas e os exorcismos não são encontrados em João.

<sup>37</sup> BÍBLIA. Português-Grego. Trad. Ferreira de Almeida e NTLH. **Novo Testamento Interlinear Grego-Português**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1994.

<sup>38</sup> VERMES, G. **As várias faces de Jesus**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

Parece, ainda, que Jesus se preocupou em cuidar do bem-estar de Maria. No período anterior a morte de Jesus, Maria, que possivelmente já era viúva, escutou de Jesus o seguinte: “Mulher, eis teu filho! Depois disse ao discípulo: Eis tua mãe! E a partir dessa hora, o discípulo a recebeu em sua casa” (Jo 19:26-27).<sup>39</sup> Esse discípulo era João.

Nós verificamos com os Evangelhos, o surgimento, mesmo que bastante superficial, de um interesse pela vida de Jesus como homem. Todavia, não havia, na confecção do Evangelho de Marcos, o primeiro deles (escrito em meados do século I), uma ênfase na infância de Jesus e nos relatos mais peculiares de sua vida. Isso porque foi somente durante a terceira geração de cristãos (final do século I), quando os três últimos Evangelhos são escritos, que se buscou satisfazer a curiosidade daqueles que ansiavam por conhecer as peculiaridades da trajetória de Jesus. E é em tal abordagem que Maria ganha certo destaque como personagem coadjuvante.

No decorrer do século I, houve a necessidade de os líderes da *ekklesia*, tais como Clemente Romano e Paulo, criarem doutrinas que estabelecessem certos princípios, tal como o da encarnação, a fim de se combater os judeus e de se dissociar dos primeiros cristãos considerados “heréticos”. Desse modo, tratar da vida de Jesus, sobretudo do seu nascimento, era parte de um recurso argumentativo para a construção doutrinária dos primórdios do cristianismo.

Os trechos que relatam a vida de Maria e de Jesus na sua infância, como o próprio excerto do *Magnificat*, são frutos do interesse cristão primitivo em saber mais acerca do nascimento e da vida de Jesus, juntamente ao nascimento de uma cristologia, ainda que incipiente, na qual os cristãos começaram a desenvolver suas primeiras concepções acerca de quem, realmente, seria Jesus.

Embora Maria tenha sido constantemente citada nas narrativas que tratam do nascimento e da linhagem de Jesus, o enfoque neotestamentário só confirma que seu papel de mãe de Jesus não aumentou sua importância no século I. Um dos motivos é o fato de que no modelo judaico, o qual Jesus e seus adeptos seguiam, não eram comuns às histórias de deuses e semideuses, tão caras para os gregos e romanos. Deste modo,

---

<sup>39</sup> BÍBLIA. Português-Grego. Trad. Ferreira de Almeida e NTLH. **Novo Testamento Interlinear Grego-Português**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1994.

seria entre os cristãos não-judeus que tanto o interesse por Maria e pela infância de Jesus quando a devoção à sua mãe tomariam forma. Os evangelhos mais atenção a linguagem de Jesus, descendente direto de Davi, do que a Maria. De fato, tal aspecto era algo significativo para os judeus, não podendo, evidentemente, ser ignorado das narrativas.<sup>40</sup> Sendo assim, Maria não foi absolutamente esquecida nos evangelhos, mas teve pouco destaque.

---

<sup>40</sup> DERRETT, Duncan. Virgin Birth in the Gospels. In: **Man, New Series**, v. 6, n. 2. Londres: Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland, 1971, p. 291.